

O PROJETO LITTLE WINDOWS: RELATO COLETIVO DE UMA EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO DISCENTE BRASIL-ESCÓCIA

Patrícia Silveira de Farias
James Cox
Amarachi Ejim
Camila Cunha Arnaldo
Caroline Santana
Christina Arden
Deivi Mattos
Larissa Siqueira
Shagufta Bhatti
Timothy Armstrong
Vanessa Ferreira¹

1. Introdução

Este capítulo resulta de um esforço coletivo em apresentar uma iniciativa de intercâmbio de aprendizado internacional diferente, que reuniu pós-graduandos em Serviço Social de duas instituições – a UFRJ e a Universidade de Dundee, além de dois coordenadores acadêmicos, na construção inédita de uma ponte Brasil-Escócia. A experiência foi sugerida pelo assistente social e *lecturer* na Universidade de Dundee James Cox. A parceria com os estudantes brasileiros e a coprodução deste artigo entre os participantes foi coordenada pela antropóloga, pesquisadora e professora da Escola de Serviço Social da UFRJ, Patrícia Silveira de Farias.

A professora foi contemplada com uma bolsa Capes Print para uma Missão Institucional em maio de 2023 pela coordenação do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFRJ. A contribuição brasileira a esta iniciativa foi possível a partir desta bolsa, cujo objetivo foi estimular uma parceria entre os programas de pós-graduação em Serviço Social da UFRJ e da Universidade de Dundee. Desta forma, Farias co-construiu uma série de atividades, sendo uma delas o Projeto Little Windows, que permitiu aos e às participantes reconhecer similaridades e diferenças de contexto e de experiência, além de potencialmente estimular a criação de redes de troca acadêmica e profissional e oportunidades de intercâmbio de aprendizado.

O texto parte da apresentação do projeto, para em seguida descrever a experiência específica do projeto no caso Brasil-Escócia, que teve em sua coordenação Cox e Farias. A partir daí, seguem os depoimentos dos participantes, estudantes de mestrado e doutorado em Serviço Social das duas universidades, e também dos dois coordenadores, analisando os encontros, seus impactos e os desdobramentos possíveis da iniciativa. A opção pela escrita coletiva se deu em conexão com o *ethos* do projeto, de promover o diálogo aberto,

¹ Também participaram dos encontros Brasil-Escócia as pós-graduandas Isabela Kassow (UFRJ), Tunde Dipolawuyi e Kalia Kaparounaki (University of Dundee), que, juntamente com a professora Theano Kallinikaki, contribuí na preparação e no apoio da primeira sessão com mestrandos em Serviço Social da Grécia.

democrático e produtivo entre pessoas a respeito de seus fazeres profissionais, de pesquisa e de vida, mantendo aberta a janela de troca de experiências que constitui o coração do projeto Little Windows e de uma internacionalização solidária do ensino superior.

Na elaboração prática e teórica de como se dariam estes encontros, os coordenadores consideraram que, do ponto de vista teórico, e também político, os critérios de diversidade de origem, raça/etnia, gênero e de temas de pesquisa seriam uma boa maneira de iniciar o processo de encontro e introduzir desde o início a discussão sobre contexto e agência, ou, em outras palavras, entre indivíduo e estrutura, debate caro e já tradicional nas Ciências Sociais, assim como no Serviço Social as questões que envolvem cada indivíduo e sua relação com a ecologia estrutural, cultural e relacional com seu mundo são de vital importância. A escolha dos participantes se deu de forma bastante orgânica: algumas pessoas se propuseram a participar; outras foram convidadas.

A facilidade prática da proposta também era, e é, bastante atrativa: encontros online, poucas pessoas, uma conversa que flui a partir de provocação fotográfica, uma coordenação presente, porém pouco interventora, na esperança da fruição do encontro entre pessoas que estavam vivendo a mesma experiência de vida, porém em lugares e situações diferentes. Desta forma, procurou-se garantir um espaço de livre acesso e sem a preocupação de realizar uma boa performance.

2. O projeto Little Windows

“*Little Windows*” é o nome dado a uma iniciativa de promover o diálogo entre pequenos grupos de estudantes que não se conhecem a priori. Uma série (seis) conversas semiestruturadas, não-gravadas, já foram realizadas, de agosto de 2023 a abril de 2024, entre grupos de estudantes de Serviço Social da Universidade de Dundee (Escócia, UK), da Universidade Democritus da Trácia (Grécia), da UFRJ, da Universidade Católica da Ucrânia e da Universidade de Jyväskylä, na Finlândia.

As conversas foram organizadas e desenvolvidas pelo coordenador do projeto e por um/a docente ligado/a a cada instituição participante. Até agora, os encontros mobilizaram cerca de 40 estudantes de Graduação, Mestrado e Doutorado.

O objetivo das conversas tem sido o de compartilhar momentos significativos, conectados às formas de lidar com questões individuais e ao mesmo tempo coletivas - o ‘uso do self’ em contextos diferentes, reconhecendo assim sua relevância para o aprendizado e para embasar a pesquisa e a prática dos assistentes sociais. É um exercício de preparação; de escuta; de compartilhar e comparar pontos de vista, ideias e experiências significativas para o trabalho inter-relacional.

Cada conversa se estrutura da seguinte forma: os/as participantes trazem uma fotografia ou imagem ao encontro. A imagem então é apresentada brevemente pela pessoa que a trouxe, que explica seu significado em termos do assunto ou questão que pretende discutir. Após isso, o grupo é convidado a refletir sobre esta “pequena janela”.

A imagem ou foto é de livre escolha dos estudantes. Porém, se preferirem, podem relacionar a imagem com o tema do Dia Mundial do Assistente Social – International Federation of Social Workers (ifsw.org), em 19 de março, que este ano foi “*Buen Vivir: Shared Future for Transformative Change*” (*Bem viver: compartilhar o futuro para uma mudança transformadora*). Este tema se baseia na Agenda Global, e enfatiza a necessidade dos assistentes sociais

adotarem abordagens inovadoras e enraizadas nas comunidades, perspectiva ligada à sabedoria dos povos originários sobre uma harmônica coexistência com a natureza.

As conversas não foram gravadas, na intenção de criar quase de imediato um ambiente virtual seguro e acolhedor. Os facilitadores tentam não intervir, porém fornecem a estrutura do encontro, comentam, perguntam e depois compartilham um resumo das discussões para todos os participantes.

Como já falado, o objeto central deste artigo são os três encontros entre estudantes de mestrado e doutorado em Serviço Social da UFRJ, no Brasil, e da Universidade de Dundee, na Escócia, UK. Em dois deles, contou-se com o apoio de uma tradutora voluntária inglês-português; em outro, coube à coordenadora brasileira a tarefa de traduzir para os grupos. Neste esforço, usou-se também um aplicativo de tradução, particularmente para as postagens no bate-papo das reuniões, em que os alunos também compartilharam bibliografias e comentaram as falas dos colegas.

Seguem então algumas reflexões sobre o projeto, feitas pelas pessoas que o vivenciaram. Estas análises foram estimuladas por perguntas-chave sugeridas - porém de forma alguma, impostas - pelos coordenadores, a partir do que os participantes consideraram ser mais significativo nesta troca internacional, assim como o que poderia ser aperfeiçoado. Também foi sugerido que fossem apresentados os possíveis impactos da experiência em termos de prática profissional ou abordagem teórica, além de sugestões para futuros desdobramentos. Decidimos também organizar as respostas em dois blocos temáticos, para facilitar a leitura: um, dedicado às primeiras impressões sobre os encontros; e outro, destinado às reflexões sobre os impactos do projeto.

3. Primeiras impressões: o convite e os encontros

Meu nome é Camila Cunha, sou doutoranda em Serviço Social no PPGSS/UFRJ, e assistente social na Polícia Militar do Rio de Janeiro. Minha pesquisa se concentra na análise das narrativas de policiais aposentados (“reformados”) por ferimento em serviço, e a relação entre os papéis de gênero e masculinidade com este contexto. Sempre tive o sonho de fazer doutorado sanduíche, entretanto, devido às condições objetivas, limitações e as mudanças da vida, esse desejo não pode se realizar em sua forma mais tradicional. Quando recebi o convite para participar de um seminário envolvendo doutorandos brasileiros e doutorandos da Universidade de Dundee, para trocas sobre suas respectivas pesquisas, fiquei insegura. Não me sentia confortável em participar, pois me vi diante da limitação de não dominar a língua inglesa; pensei em não aceitar. Contudo, quando soube que haveria o recurso da tradução simultânea, não pensei duas vezes e me prontifiquei a participar. Observei nessa oportunidade mais uma chance de me aproximar de algo que me remetia a esse sonho do intercâmbio, mesmo guardando as devidas proporções das diferenças entre ambas as iniciativas.

Estava ávida para conhecer os estudantes estrangeiros, os temas de pesquisas e suas formas de elaboração. Ao mesmo tempo, me indagava sobre o que eles achariam do meu tema de pesquisa e do meu percurso investigativo, da minha experiência profissional e da atuação como assistente social.

Enfim, chegou o dia da primeira reunião. Busquei me concentrar ao máximo, para ouvir os relatos e apreender todas as contribuições dessa experiência. No momento de expor

minha pesquisa, procurei ser o mais objetiva possível. Após minha exposição, percebi o quanto meu tema de pesquisa gerou interesses e curiosidades, o que me empolgou. É muito bom perceber que nossa pesquisa pode gerar uma interface de interesses e diálogos e não apenas se desenvolver como um mero protocolo acadêmico.

Meu nome é Caroline Santana, sou assistente social numa organização do terceiro setor que trabalha com populações periféricas, e atualmente estou cursando doutorado em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolvo um projeto de pesquisa cujo objetivo é compreender a dinâmica dos instrumentos de regulação do Estado no espaço urbano e os impactos desses instrumentos na permanência da agricultura familiar urbana, com ênfase nos agricultores quilombolas localizados no Maciço da Pedra Branca, na cidade do Rio de Janeiro.

No primeiro encontro, cada participante teve a oportunidade de apresentar seus temas de pesquisa, motivações, metodologias e expectativas. Este foi o momento inicial de interação, onde todos os estudantes estavam se conhecendo, e isso ocorreu de forma muito natural. Já nesse primeiro encontro, ocorreram trocas significativas, com indicações de leituras, ferramentas de pesquisa, curiosidades e muitos elogios aos trabalhos apresentados.

No segundo encontro, foi perceptível que o grupo já havia estabelecido uma relação de confiança, permitindo que os participantes discutissem não apenas suas pesquisas, mas também seus estados emocionais durante o período. Os desafios das pesquisas foram abordados desde o início, e foi interessante observar como os sentimentos expressados foram acolhidos pelo grupo, com muitos desafios sendo compartilhados por vários pesquisadores. Nesse encontro, percebi que o grupo se tornou mais coeso.

Sou Christina Arden, doutoranda em Serviço Social na Universidade de Dundee. Meu trabalho é sobre a herança colonial britânica presente nas Ilhas Bermuda (meu lugar de origem), especialmente na assistência social, a partir da perspectiva da população que acessa estes serviços. O convite para participar do Projeto Little Windows foi feito por Mr. Cox primeiramente em 2023. Eu estava em meu primeiro ano de doutorado, e ainda não tão certa sobre o foco da minha pesquisa, embora ao entrar no doutorado eu tivesse uma proposta bastante concreta e específica. Só que a partir do momento em que tive mais tempo para pesquisar sobre serviço social, os territórios britânicos além-mar (British Overseas Territories - BOTs), discriminação e outros tópicos relacionados, meus interesses mudaram, assim como os objetivos do meu trabalho. Mas quando afinal a primeira reunião ocorreu, eu estava já mais segura sobre o tema de meu estudo e muito interessada em apresentar minhas ideias para outros/outras pesquisadores.

Outra razão da minha vontade de participar do projeto foi porque o formato da apresentação me pareceu criativo e único. Nós fomos convidados a escolher e discutir uma imagem relacionada a nosso tema de pesquisa. Isso me permitiu pensar na minha pesquisa de forma diferente, e me ofereceu a oportunidade de apresentar meu trabalho de uma forma mais artística e divertida. Assim, acabei me divertindo no processo de procurar uma imagem do conceito em que se focava minha pesquisa. Mais que isso, durante a apresentação, me surpreendi agradavelmente ao descobrir que um dos meus principais temas, a colonização, era similar ao tema de outros/as pesquisadores na Escócia e no Brasil. Em suma, gostei e aprendi bastante neste primeiro encontro sobre Serviço Social no Brasil e sobre os diferentes projetos que meus/minhas colegas em Dundee estavam realizando.

Enquanto meu doutorado avançava, fui convidada para um segundo encontro. Novamente, estava animada com o formato criativa, porém menos relaxada, pois já estava numa fase diferente no curso, enfrentando desafios na tarefa de escrever sobre minha metodologia de pesquisa. Estava para submeter meu projeto ao comitê de ética, e me deparando com um bloqueio de produtividade. Apesar disso, decidi apresentar uma imagem que apresentava os alicerces teóricos em que meu estudo se baseia e uma colagem com diversos rostos de pessoas. A colagem pretendia representar as múltiplas e variadas narrativas e experiências de meus futuros entrevistados/as. Era uma imagem complexa, comparada à da minha primeira apresentação, e eu estava menos confiante por conta disso. Durante minha apresentação, comentei os desafios que estava enfrentando com meu estudo, e um dos grandes pontos positivos para mim neste segundo encontro foi o apoio e a conexão que senti com outros/as pesquisadores que sentiam desafios semelhantes em seu doutorado.

Sou Shagufta Bhatti, assistente social, nascida no Paquistão, e agora desenvolvo meu mestrado em Serviço Social na Universidade de Dundee. Estudo políticas de saúde relacionadas à infância e adolescência. O Projeto Little Windows me ajudou a praticar conversação com indivíduos que estava conhecendo pela primeira vez; me ajudou também a entender o impacto que uma conversa despretensiosa e um encontro podem ter num indivíduo, e como isso pode fortalecer comportamentos positivos. Pode parecer um pouco forçado, mas pude ver o efeito disso nos seus sorrisos e em seus olhos, e eu realmente senti que meus sentimentos e meus conflitos foram validados, que havia pessoas que podiam me entender, e isso me deu coragem e força.

Meu nome é Timothy Armstrong, assistente social, e no meu doutorado na Universidade de Dundee estudo processos de tomada de decisão em casos de adoção e guarda de crianças. Sobre minha experiência no projeto, em primeiro lugar, quero ressaltar os seus aspectos práticos. O horário do evento foi fácil de acomodar, assim como o uso da MS Teams foi positiva. Também a facilitação dos coordenadores pareceu funcionar bem.

O maior desafio foi a diferença de línguas, embora isso tenha sido bem contornado. Na verdade, penso que esta diferença me levou a manter o foco, numa escuta ativa, e provavelmente me ajudou a desenvolver minhas próprias habilidades de comunicação. Senti um clima de comunidade encorajador, um sentido de comunidade entre pesquisadores que estava me fazendo muita falta.

Sou Larissa Siqueira, mestranda do PPGSS/UFRJ, e fui convidada para compor a equipe de participantes do Projeto Little Windows. Minha pesquisa gira em torno de pessoas que, como eu, tem ascendência indígena e vivem em área urbana, especificamente no território do Rio de Janeiro, e sua luta por acesso a políticas públicas. Em nossa primeira reunião, foi proposto aos alunos que fizessem uma fala relacionando-a a uma imagem que representasse um pouco de suas pesquisas e motivações para realizá-las. Aconteceu que todos compartilharam fotos de seus territórios de referência, o que expressa a importância desta categoria para a trajetória de cada um/a de nós enquanto acadêmicos, mas também enquanto cidadãos. Ter este recurso visual permitiu uma aproximação mais intensa com as realidades apresentadas pelos colegas, reforçando o quanto esta dinâmica pode ser enriquecedora. Também contamos com uma tradutora, o que tornou tudo mais simples para quem, por questões de tempo, recursos e outras dificuldades, não possui fluência em outro idioma.

Não consigo dizer se o tempo da reunião foi curto ou se na verdade estava muito envolvida com a novidade de estar com pessoas de diferentes lugares do mundo

compartilhando questões tão importantes sobre suas experiências de vida e acadêmicas, e tudo isso dentro da minha própria casa!

Sou Deivi Mattos, assistente social e estou finalizando meu mestrado no PPGSS/UFRJ. Meu tema de pesquisa é discriminação racial no acesso a políticas públicas, particularmente o sistema de saúde, e a questão das masculinidades negras. O encontro entre mestrandos (as), de ambas as universidades, me trouxe muitas reflexões, sobretudo, no sentido de entender, que nos diversos países da periferia do modo de produção capitalista, ocorre uma série de explorações e violações de direitos humanos, com características e determinismos sociais, econômicos, políticos e culturais diversos e próprios de cada país.

Nesse encontro, tive a grata oportunidade de conhecer e de trocar conhecimentos e saberes com Shagufta Bhatti, uma mulher paquistanesa, que estuda serviço social na Escócia e atuou no Paquistão com o desenvolvimento de jovens e crianças e na reivindicação pelo direito a saúde e a defesa dos direitos humanos.

Tive também a oportunidade de conhecer Amarachi Ejim, uma mulher nigeriana, que está no processo de conclusão do curso de mestrado em Serviço Social. O tema de Amarachi me interessou muito, devido a sua relevância social: ela pesquisa os impactos do processo de migração na saúde mental de mulheres africanas que estudam no Reino Unido. Ao conversar com Amarachi e refletir sobre o processo de violência contra a mulher que ocorre em seu país de origem, fiz uma série de mediações com a violência e exploração que as mulheres negras brasileiras também sofrem. Achei incrível como as mulheres africanas, assim como as mulheres negras brasileiras, resistem e lutam contra as violências estruturais em seus países.

Sou Vanessa Ferreira, trabalho como assistente social no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, e curso doutorado no PPGSS/UFRJ. Minha tese gira em torno do papel do/da assistente social na educação e as percepções a respeito deste papel pela comunidade acadêmica. O que mais me chamou a atenção nos encontros do Projeto Little Windows foi a forma como os assuntos se conectavam: as convergências sobre como a sobrecarga feminina, sobretudo para as mulheres-mães, tem sido uma questão e como todas se reconhecem, independente da língua que falam; o interesse no trabalho da colega brasileira sobre o sofrimento dos policiais militares; os debates que suscitam pensar como as mulheres negras vivem a universidade. Além disso, compreender que em alguns lugares a escola tem o papel de ser o “abrigo” das crianças para os pais trabalharem me fez refletir que não estaríamos mal em relação a países que têm o papel da educação como sendo apenas este.

A duração dos encontros poderia ser maior, pois são muitas as contribuições que seus participantes poderiam dar, se tivessem mais tempo, embora não deva ser uma dinâmica simples, por conta da diferença de fusos horários. O uso de imagens para suscitar reflexões é bem interessante, pois as imagens falam sem precisar de tradução, e muitos pontos de reflexão surgem.

Meu nome é Amarachi Ejim, sou mestranda em Serviço Social na Universidade de Dundee. Pesquiso os impactos na saúde mental das mulheres africanas que vêm estudar no Reino Unido. Little Windows foi a primeira experiência na qual eu tive a oportunidade de interagir com outros pós-graduandos em Serviço Social de diferentes países. Os participantes compartilhavam os mesmos interesses – mostrando uma imagem e considerando a construção e a experiência para além da imagem. Acredito que isto é uma das questões cruciais da profissão do assistente social – ver o mundo para além da questão que nos é apresentada. A beleza desta troca internacional foi o incrível reconhecimento de que somos

tão diferentes, e, no entanto, tão semelhantes em como reagimos a nossos contextos e como nossos contextos tendem a nos influenciar. Também foi muito inspirador ouvir dos companheiros participantes sobre o que os interessa em termos do ensino em Serviço Social, em termos tanto de políticas sociais quanto da pesquisa em Serviço Social. Participar em mais sessões poderia desenvolver um ambiente de aprendizado mais potente.

4. Impactos

Esse projeto é uma maneira incrível de possibilitar as trocas de diferentes pontos de vista, de refletir sobre pontos convergentes e permite aos participantes compreenderem um pouco mais sobre as formas como o mundo do trabalho do assistente social se estabelece em outros países e em outras dinâmicas, tão diferentes em aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. Percebo muito positivo poder ouvir e ser ouvida sobre as temáticas que tem sido de interesse de estudantes de pós-graduação em Serviço Social mundo afora.

A partir desta experiência, acredito que podem surgir aproximações por temas em comum, artigos escritos em conjunto e, quem sabe, futuras amizades. É possível produzir conhecimento trazendo a tecnologia a nosso favor. **(Vanessa)**

Para mim, há vários benefícios em se engajar neste tipo de intercâmbio. Ele propicia uma oportunidade de desenvolver e aperfeiçoar minha perspectiva global sobre o Serviço Social, e uma oportunidade de desenvolver minha compreensão sobre outras culturas. Isto tem o potencial de me ajudar a desenvolver e ampliar minha rede profissional. Acima de tudo, me forneceu uma oportunidade de aprendizado e crescimento. No encontro, mencionei estar enfrentando um bloqueio, representado por um muro; e o acolhimento desta situação pelos outros participantes me ajudou a quebrá-lo. Acredito que este intercâmbio tem um potencial real de desenvolver a compreensão e a competência para lidar com cada cultura, fornecendo uma base para uma perspectiva mais global, e ampliando nossas visões ao expor os participantes a práticas internacionais em Serviço Social, transformações globais e novas e diferentes soluções.

Gostaria que a experiência continuasse, a partir de encontros regulares, possivelmente quatro vezes ao ano, engajando os participantes na formulação desta agenda. Há potencial também para sessões temáticas. **(Timothy)**

A universidade por si só tem essa capacidade de promover uma imersão em relação a um universo de saberes, debates e perspectivas advindas de experiências teóricas e práticas a partir do contato com territórios seja por meio de pesquisa ou de atividades extramuros. O Projeto Little Windows surge enquanto uma oportunidade que sintetiza tudo isso, tornando possível alcançar territórios que até então se mostravam inalcançáveis para mim. É muito gratificante perceber o quanto a universidade pode ser potente em nos proporcionar encontros como estes, que possibilitam, a longo prazo, construir redes de diálogos pessoais e profissionais transformadores. **(Larissa)**

‘Little Windows’, para mim, é uma abordagem inovadora para o aprendizado, especialmente ao fornecer várias perspectivas sobre o Serviço Social, onde participantes falam línguas diferentes e são de culturas diferentes, com uma coisa em comum: todos são assistentes sociais e estudantes e se dedicam a tornar visíveis perspectivas que são únicas em seus contextos.

Acho que foi uma grande base para o contato com o mundo, que normalmente não teria sido possível. Para mim, a coisa mais importante foi constatar as diferentes abordagens sobre como o Serviço Social é compreendido e motiva nossas vidas. Cada um de nós é diferente e no entanto compartilha algo. O projeto me mostrou que há pessoas ao redor do mundo que se dedicam apaixonadamente à mudança social.

Foi realmente interessante ver a imagem trazida por cada participante, traduzir esta imagem em nossas mentes de acordo com nossas experiências e aprendizados, e então ouvir uma perspectiva completamente diferente e que faz muito mais sentido do que havíamos imaginado. Creio que esta é a essência do Serviço Social: entender o que não é dito, entender que são nossas experiências, nossa personalidade, que formam nossas perspectivas e o modo como encaramos a vida. Serve como um lembrete para mim de que, quando lidamos com os usuários dos serviços, temos que estar conscientes do fato de que situações que não são questões para mim, são questões e desafios para outras pessoas; algo que pode não ter grande importância na minha vida significa muito para outra pessoa. E como assistentes sociais, é nosso dever ter a mente aberta, não fazer julgamentos, ser empático e ter uma escuta ativa, se desejamos realmente dar suporte às pessoas.

A partir desta experiência, pude refletir sobre a natureza multifacetada do Serviço Social e que no fim das contas todos somos seres humanos cheios de paixão, lidando sozinhos com nossas próprias questões. No entanto, estamos juntos, e não sozinhos. **(Shagufta)**

Este intercâmbio me ajudou a perceber o impacto da pesquisa em Serviço Social. Continuar esta troca poderia encorajar o desenvolvimento de uma comunidade de compartilhamento e potencial colaboração em pesquisa, além de encontros em seminários.

Sugiro a construção de uma plataforma ativa, onde os participantes possam comunicar suas experiências relacionadas às conversas mantidas durante os encontros, pois há um intervalo grande entre os encontros. Também sugiro mudar ocasionalmente o estilo de conversação, usando, por exemplo, diferentes elementos além das imagens, como temas sociais, políticas públicas e fenômenos sociais, de que os participantes tomariam conhecimento com antecedência para se prepararem para compartilhar suas visões e perspectivas.

Refletindo sobre as discussões do Little Windows, sou grata pela oportunidade, gostei de ser parte desta comunidade, e espero que o projeto continue **(Amarachi)**.

Inicialmente, senti insegurança quanto à participação em uma reunião com pesquisadores que eu não conhecia, mas essa insegurança logo se transformou em curiosidade. Neste espaço, pude compreender diferentes perspectivas sobre minha pesquisa, e as observações dos demais participantes me fizeram refletir sobre minha pesquisa de maneira nova. Por exemplo, após a apresentação do meu objeto de pesquisa, uma das pesquisadoras perguntou sobre como eu diálogo com as pessoas que vivem no território onde minha pesquisa é desenvolvida. Foi um exercício interessante elaborar uma resposta que transmitisse minha visão desses interlocutores e, ao mesmo tempo, garantisse que ela compreendesse minha abordagem, considerando nossas realidades diferentes.

Acredito que essa experiência de intercâmbio tem o potencial de revitalizar os pesquisadores, especialmente durante o período de escrita da tese, que é frequentemente solitário e angustiante. Trocas como as proporcionadas pelos encontros contribuem para a construção de reflexões sobre as pesquisas e para a elaboração de novas perspectivas sobre

os temas abordados. Olhando para o futuro, esses intercâmbios podem não apenas enriquecer a qualidade das pesquisas individuais, mas também fomentar uma rede de apoio e parceria entre pesquisadores de diferentes países e disciplinas. Essa rede pode se tornar uma plataforma contínua, para compartilhamento de conhecimentos, metodologias e soluções criativas para desafios comuns aos pesquisadores que dela participam. Além disso, essas experiências interculturais e interdisciplinares podem seguir inspirando novas abordagens e colaborações que transcendem fronteiras geográficas, institucionais e acadêmicas. **(Caroline)**

Eu me senti acolhida pelas experiências similares que outros pesquisadores tiveram, independente de nossas diferenças culturais, de língua, de lugar e de temas de pesquisa. No entanto, também me senti desafiada e levada a confrontar e contextualizar meus conflitos, já que alguns dos conflitos dos outros participantes eram graves e complexos. Esta combinação de acolhimento e confrontação me fez superar meus bloqueios criativos.

O segundo encontro estimulou em mim um sentimento de camaradagem e de compartilhamento de experiências. Sinto que ganhei tanto em participar no Projeto Little Windows, pois ele me permitiu pensar criativamente sobre minha pesquisa, fornecendo novas oportunidades de apresentar, e me forçando a pensar sobre o público para o qual estou apresentando minha pesquisa, modificando minha apresentação em função deste público. Se tivesse que sugerir algo, diria que as apresentações poderiam ser um pouco mais estruturadas. Adorei o aspecto de conversa destes encontros, mas acredito que pensar a ordem de apresentações antes de começarmos poderia fazer com que aproveitássemos mais o tempo.

Acho que qualquer oportunidade de construir pontes e de conectar pesquisadores é uma atividade de valor inestimável que deve continuar. Espero que este projeto continue e conecte mais estudantes de diferentes partes do mundo. Posso inclusive visualizar a iniciativa se tornando interdisciplinar, onde a apresentação dos tópicos de pesquisa poderia ser sobre outras experiências de pesquisa que possam conectar pessoas de diferentes lugares, vivências e campos de pesquisa.

Para concluir, ter feito parte do projeto foi uma experiência instigante, que me forneceu oportunidades de desenvolvimento enquanto pesquisadora, e acolhimento emocional e social durante meu doutorado, que às vezes pode ser uma jornada solitária, e enfatizou as muitas semelhanças e experiências comuns que as pessoas podem ter para além das diferenças de língua, lugar e temas de pesquisa. **(Christina)**

Considero o Projeto Little Windows uma experiência muito rica e gratificante. O encontro entre mestrandos (as), de ambas as universidades, me trouxe muitas reflexões, sobretudo, no sentido de entender, que, nos diversos países da periferia do modo de produção capitalista, ocorre uma série de explorações e violações de direitos humanos, com características e determinismos sociais, econômicos, políticos e culturais diversos e próprios de cada país.

O fato de ter tido esse contato me conduziu a escrever, na introdução da minha dissertação de mestrado, o quanto as relações sociais do modo de produção capitalista têm sido negativas para os diversos segmentos da classe trabalhadora dos países da periferia.

Esse processo de intercâmbio contribuiu significativamente para o meu aprimoramento teórico-metodológico e ético-político, e inclusive me despertou o interesse de realizar o meu doutorado sanduíche na Universidade de Dundee. Creio que seria importante termos a oportunidade de nos encontrarmos pessoalmente e refletirmos mais,

sobre todas as questões e reflexões teóricas e sociais que foram discutidas ao longo da conferência. Essa é uma excelente oportunidade para podermos compartilhar nossos saberes e nossos conhecimentos, com outros pares que vivem e se dedicam a defesa e a proteção dos direitos humanos em outros países. **(Deivi)**

Sempre tive o sonho de fazer doutorado sanduíche, entretanto, devido às condições objetivas, limitações e as mudanças da vida, esse desejo não pode se realizar em sua forma mais tradicional. Entretanto, já esmaecida as esperanças de alguma interação internacional, surge uma articulação da minha orientadora com um professor da Universidade de Dundee na Escócia. Mesmo com as dificuldades do idioma, que ainda permanece como um obstáculo a ser superado, voltei a sonhar com esse desejo e retomei timidamente minhas aulas de inglês. Veio-me a memória o título de um livro da autora Mirian Goldenberg chamado “A arte de pesquisar”. A curiosidade, o ímpeto desprezioso de indagar a realidade, pensar nas relações sociais e elaborar sobre como essas relações em distintos contextos e conjunturas nos dizem sobre o modo de ser e estar na sociedade. As mudanças e as permanências nas estruturas de poder, desde a dimensão cultural até a concretude das ações humanas.

Sobre o encontro em si, esse movimento de trocas entre nós e eles, eles e nós seguindo um fluxo de conexões mediado pelos interesses em comum em torno de núcleos temáticos centrais que perpassam relações de dominação, relações de gênero, relações étnico-raciais, dentre outras. Foi sem dúvida alguma, uma experiência maravilhosa e única. Pude aprender, pude despertar para outras formas de leituras e análises. A interação é algo que promove novos caminhos para as reflexões e oxigena nossa vontade em aprender. Achei muito interessante as pesquisas dos docentes de lá e suas diferentes inserções de trabalho. Pontos de partidas que mesclam trajetórias e mudanças de territórios, além de olhares peculiares sobre a observação do ambiente universitário e suas possibilidades para produzir conhecimento, sobretudo, um conhecimento autêntico e com pertencimento.

Percebi outras semelhanças entre os desafios pelos quais estudantes e trabalhadores daqui e de lá passam. Pontos em comum, como o impasse na hora da escrita e os momentos de paralisação. Encontrei respeito e solidariedade tanto com a minha pessoa, quanto com a pesquisadora em crise, e nesse espaço outra vez me deparei com a inspiração para prosseguir nessa jornada de produção de conhecimento.

Seja aqui no Brasil ou na Escócia, estudantes possuem similaridades e os desenvolvimentos de pesquisas guardam pontos em comum que me fizeram desmistificar um lugar de “inferiorização” particularmente meu, em relação ao que imaginava do universo estrangeiro. De fato, não temos só a aprender com os de fora, também temos algo a contribuir. **(Camila)**

5. Exercitando a escuta: as percepções dos coordenadores

Foi preciso coragem e iniciativa, além de prévia reflexão, por parte dos participantes, para tomar a decisão de se engajar na experiência e também de pensar sobre o foco e os limites do que eles gostariam de compartilhar. E há uma possibilidade de espontaneidade no que compartilhar que pode ser difícil de ser conseguida em sala de aula ou acessada a partir da prática.

Como facilitador, sinto que os participantes foram generosos e assumiram alguns riscos em comunicarem, como o fizeram, suas inspirações, frustrações, estresse, dilemas,

raiva, traumas, origem, identidade. Eles foram sensíveis e interativos uns com os outros ao reconhecerem temas em que, por vezes inesperadamente, havia ressonância. O grau de empatia entre estranhos, para além de fronteiras, culturas, e linguagens me surpreendeu. Isto é bem diferente do que ocorre num seminário ou workshop online. Houve debates; as conexões entre as imagens e as mensagens compartilhadas foram originais, pessoais, criativas, necessitando de pouca tradução ou explicações sobre abordagens teóricas. O tempo voou (poderíamos ter tido mais tempo para cada conversa).

Até agora, os encontros têm sido online, cruzando fronteiras internacionais. Uma utilização ampliada desta abordagem poderia complementar a troca de aprendizado em Serviço Social e programas afins no qual o uso reflexivo do self é fortemente demandado – sendo, porém, difícil de ser explorado em sala de aula e mesmo nos estágios, onde a liberdade de ser mais criativo nos debates pode ser mais restrita.

A abordagem também tem a vantagem de ser de custo quase zero, além de emitir zero carbono e de ser flexível. Além disso, este aprendizado coproduzido promove a curiosidade e a reflexão crítica sobre diferentes contextos.

Esta série de conversas deve continuar a ser oferecida e coordenada entre setembro e dezembro de 2024. Assim, a avaliação coletivamente produzida apresentada no presente texto é uma proposta de consolidar o aprendizado das experiências dos participantes e embasar uma apreciação desta perspectiva como um complemento opcional às perspectivas pedagógicas de formação utilizadas atualmente. **(James)**

O resultado dos encontros foi estimulante para mim, como coordenadora, como professora e como pesquisadora. As semelhanças de vivência das desigualdades estruturais e a aguda percepção da potência e impotência da atuação dos assistentes sociais diante destas desigualdades se tornaram estímulos para pensar em novas formas de enfrentamento destas questões a partir da formação de redes de acolhimento e discussão, no intuito de fortalecer aqueles e aquelas que lidam diariamente com impasses e difíceis decisões em suas carreiras, em suas pesquisas e em suas vidas.

A experiência Little Windows também reacendeu em mim a vontade de tentar novas abordagens e passar por novas experiências de encontro discente-docente, que certamente enriqueceram minha vivência como orientadora, acrescentando uma nova dimensão de conhecimento sobre a realidade estudantil diante das tarefas a que se veem às voltas durante suas pós-graduações.

Acredito que o futuro da iniciativa se dará, em parte, pela continuidade dos encontros, na medida do possível, mas também pela disseminação deste formato a partir de sua replicação em outros contextos de formação, particularmente entre estudantes do Brasil e de países latino-americanos, que apresentam diferentes contextos, mas semelhança na herança histórica de colonização e violência. Penso também na possibilidade de realização de disciplinas optativas, curriculares, de formato híbrido, que propiciem esta experiência a um número pequeno de participantes a cada semestre. Outras iniciativas elencadas pelos participantes igualmente podem ser imaginadas: uma plataforma interativa, a realização de seminários, encontros temáticos e mesmo interdisciplinares.

Mas outra parcela deste futuro está reservada às iniciativas das pessoas envolvidas nesta rede de encontros internacionais; serão elas a estabelecer efetivamente os vínculos necessários para o compartilhamento das experiências. Abrimos uma janela, mas cabe a elas manterem o espaço aberto, o ar circulando e a conversa fluindo.

Esta iniciativa Brasil-Escócia só foi possível por conta da oportunidade de troca proporcionada pela missão institucional. A partir da bolsa Capes Print, foi possível começar uma parceria que se desenvolveu através destes encontros online, e que agora tem mais uma oportunidade de se consolidar, a partir da própria experiência de escrita coletiva deste texto. Este processo de parceria, horizontal, democrática, também é um convite para que outras parcerias se estabeleçam, outras pontes se façam, outras conversas se iniciem - e outras políticas públicas apoiem a proposta de uma internacionalização solidária e não excludente.

(Patrícia)